

Da inércia.

As informações que constituem a nossa educação escolar são do tipo "há um Deus" ou "a baléia é mamífero", isto é: são proclamadas dogmaticamente e irrevogavelmente pelos professores e aceitas sem crítica e curiosidade in pía pelos alunos. Em seguida, são relegadas ao esquecimento. Voltam para o céu todo-envolvente de nada, de qual tinham emergido no curso da aula. Entre essas informações consta a seguinte: "o século 18 é o século da iluminação". Trata-se, no fundo, de uma informação curiosa, cuja curiosidade nos escapou, dada a nossa fé devota nos professores. Que tipo de luz era essa que iluminou os nossos antepassados setecentistas? Por certo não aquela que inundou o Senhor Buddha e graças à qual Ele é conhecido pelo nome "O Iluminado" no oriente? Nem aquela que irrompeu qual bhifres da cabeça de Moisés? Não, a luz do século 18 tem duas fontes: a "razão" e a "natureza". Graças a este tipo de luz o século 18 se distingue das trevas me dievais que o antecederam e das trevas modernas nas quais mergulhamos românticamente. Com efeito, poucas eram as dúvidas daquela época esclarecida, e as poucas dúvidas que persistiam estavam em vias de esclarecimento lúcido e serridente. Já que portanto quase todos os segredos do mundo foram resolvidos pelos "savants" de cabeleira postiça, é natural que estejamos inclinados a consulta-los a respeito da última lei que sustenta o mundo, aliás uma consulta bem a gosto dos setecentistas. "Was die Welt im Innersten zusammenhaelt" (o que sustenta o mundo no seu centro) (Fausto). A resposta será muito possivelmente: a lei da inércia.

Consideremos essa lei. Ela reza aproximadamente: Todo corpo tende a permanecer em movimento uniforme em linha reta, ou em repouso. Newton, ao formular essa lei, deve ter experimentado um choque, pois não deixa de ser um tanto surpreendente uma inércia que teima em permanecer em movimento. Mas Newton não era ainda completamente iluminado. Nele, a luz da razão e a luz da natureza eram ainda ofuscadas pelas sombras da fé. A inércia era, para ele, ainda um problema. Não o era entretanto para os verdadeiros setecentistas. A inércia "explicava" doravante todos os movimentos, e, tendo assim explicado os movimentos, explicava o mundo. É difícil para nós, filhos das trevas, captar a clara beleza de uma explicação do mundo tão simples e consistente. Graças à inércia Deus tornou-se realmente uma "hipótese superfina", e não ser que queiramos identificar inércia com Deus. A saudade desta clara beleza subsiste em nossas mentes. Embora não possamos mais aceitar a "explicação", por razões múltiplas e um tanto complexas, lamentamos não

pode-lo. A saudade dessa "explicação" pela inércia é responsável, inconscientemente, pelas muitas tentativas de explicação que nos são oferecidas sempre de novo por aqueles pensadores entre nós que insistem, desesperadamente, em continuarem iluminados.

"Inércia" é uma palavra erudita. O seu equivalente vulgar é "preguiça". A tradição da igreja católica opera com este conceito. É um pecado capital e é, como tal, identificado com a "tristeza". O existencialismo, esta teologia mascarada, tampouco desconhece a preguiça. Chama-a de "nojo". Visto da "obscurantismo" medieval é portanto o mundo explicado pela inércia um mundo triste e pecaminoso. Visto do "obscurantismo" atual, é ele um mundo nojento. Há, entretanto, uma diferença entre o ponto de vista medieval e o nosso. Na Idade Média o mundo inerte era considerado como passageiro, tanto absolutamente, (terminará no dia do Juízo final), como relativamente a cada um de nós, (ingrassaremos no outro mundo depois da morte). Para nós o mundo inerte é toda nossa realidade. Neste ponto somos herdeiros do século 18. Embora consideremos o mundo inerte não mais belo, mas nojento, aceitamo-lo como o único, exatamente como o fizeram os setecentistas. A monotonia da inércia, tanto como repouso, quanto como movimento retilíneo uniforme, é o clima dentro do qual estamos mergulhados. A literatura atual, o cinema, a pintura, mas também o nojo desesperado da juventude, são ilustrações desse clima. O nojo, esta forma atual da inércia, paira sobre a nossa geração como o nesse símbolo e a nossa marca. Entretanto, esse nojo é ainda relativamente inéscio, se comparado com o nojo que surgirá num futuro já previsível, quando a tecnologia tiver produzido uma sociedade de fartura e de lazer. Quando as máquinas automatizadas e auto-reprodutoras começarem a jorrar os seus produtos por cima de uma sociedade de consumidores em férias coletivas ininterruptas, o tédio gigantesco e o nojo existencial total tornarão a vida um fardo insuportável. Então a lei da inércia governará soberana, garantindo o movimento uniforme retilíneo das máquinas, e o repouso dos homens. A visão newtoniana do mundo se terá realizado.

Consideremos, sob este ângulo, aquilo que chamamos "progresso". É, no fundo, um movimento retilíneo uniforme. As aparentes curvas e voltas que o progresso dá são resultados da "reação", isto é da fricção que o fundamenta e refere ao progresso. Temos, na realidade, duas inércias operando: a inércia progressista, a que quer avançar em movimento retilíneo, e a inércia reacionária, a que quer permanecer em repouso. O famoso processo dialético não

passa do jogo entre essas duas inércias, e nada tem de dinâmico ou produtivo. É o eterno retorno do sempre idêntico, no sentido de Nietzsche. O processo dialético é o princípio da inércia interpretado pelo século 19. Ao em vez de explicar o movimento dos astros, (como o fez no século 18), explica o movimento da história, mas o faz pelo mesmo princípio. O tédio indizível do mundo dos astros é transferido para o mundo dos homens. Nada adiantam as promessas apocalípticas dos dialéticos hegelianos e marxistas quanto a uma "última síntese". Essa será a inércia totalmente realizada, o tédio e o nojo definitivo. Não será o paraíso, mas o inferno da "preguiça e tristeza do coração", para falarmos escolasticamente. Os Estados Unidos e a União Soviética são, como é sabido, os países mais "desenvolvidos", e estão mais próximos dessa última síntese. O avanço do tédio e do nojo é portanto mais impressionante nessas duas sociedades marginais e pioneiras da civilização ocidental. A Europa, na medida que se aproxima da fartura, acompanha os dois pioneiros de perto.

Consideremos, como ilustração dessa afirmativa, um setor do progresso, por exemplo o progresso da tecnologia. Torna-se sempre mais evidente que ele obedece ao "momentum" da inércia. Continua movimentando-se por inércia, e seria necessário um esforço já agora inimaginável de fazer pará-lo ou mudar de rumo. Em consequência, produz aquele tipo curioso de fartura que é expresso na afirmativa: "Estamos fartos da tecnologia". Para averiguar esse fato, é preciso tão somente comparar a reação dos nossos antepassados setecentistas diante os produtos da tecnologia com a nossa. O advento do barco a vapor ou do tear mecânico era considerado como um acontecimento glorioso, cheio portanto de vivência autêntica. A conquista da lua, ou um cérebro eletrônico mais perfeito ainda, será uma "sensação", isto é um acontecimento a ser noticiado pelos jornais e esquecido dentro de quinze dias. Será uma interrupção altamente festejada, mas provisória e fútil, do tédio generalizado.

Entretanto, felizmente, o princípio da inércia não é a única explicação possível do mundo. Existem, com efeito, muitas outras possibilidades, e existe a possibilidade de admissão da impossibilidade de qualquer explicação. Existe a possibilidade de uma nova humildade face ao mundo. O progresso vertiginoso da civilização, progresso esse impulsionado pelo "momentum" da inércia, produz essa fartura de estarmos fartos do progresso e possibilita, paradoxalmente, essa humildade. E essa humildade evitará, possivelmente, o milênio da preguiça e tristeza, esse "Schlaraffenland" que parece inevitável.

É preciso admitir que considerações como estas, pronunciadas no meio de uma sociedade que se debate com a miséria e a fome, portanto aparentemente afastada da fartura, podem ser utópicas. No Brasil, o milênio da preguiça conserva, ainda, aspectos paradisíacos. Entretanto, dado o "momentum" do progresso, o abismo que separa a fome da fartura é cada vez mais estreito. Pode ser transposto num salto, e o será num futuro certamente não muito distante. Esta certeza da fartura, por assim dizer produzida automaticamente pelo progresso tecnológico, qualquer que seja o sistema econômico ou social, empresta a todos os movimentos "progressistas" atuais a um tempo o caráter de urgência, (querem apressar o inevitável), e de futilidade (querem o inevitável). São portanto utópicas estas considerações, mas é uma utopia a prazo curto. Uma utopia para aqueles que enxergam a ponta do nariz. Para os intelectuais, portanto.

É dos intelectuais que a humanidade pode esperar uma saída do nojo aparentemente inevitável que se aproxima. É deles que a nova humildade deve partir, se ainda houver esperança. Em outras palavras: é preciso romper a inércia que nos propela rumo ao progresso. Trata-se de um esforço a ser empreendido, de um esforço intelectual mais que ético ou estético. Deste esforço dependerá a superação da nossa civilização tecnológica inerte.